

GUILHERME LIMA

Webdocumentário "Lá do Leste" como representação etnográfica virtual

CELACC/ ECA-USP

2014

GUILHERME LIMA

Webdocumentário "Lá do Leste" como representação etnográfica virtual

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Mídia, Informação e Cultura produzido sob a orientação do Prof. Renato Rovai.

CELACC/ ECA-USP

2014

Webdocumentário "Lá do Leste" como representação etnográfica virtual

Guilherme Lima¹

RESUMO

O presente trabalho propõe analisar o webdocumentário sob a ótica antropológica no momento em que este apresenta características etnográficas numa plataforma virtual e, a partir da experiência com o Webdoc "Lá do Leste: uma etnografia audiovisual compartilhada", considerar a possibilidade de subversão da ideia de dominação e controle apresentado pela Internet. Pretende-se ainda, discorrer sobre a contribuição do webdocumentário para o fortalecimento da cidadania cultural e do espaço público no distrito Cidade Tiradentes para a produção colaborativa, revelar e potencializar os saberes e as poéticas culturais do bairro pela visão dos próprios agentes locais a fim de ampliar suas práticas como movimento sociocultural urbano.

Palavras-Chave: *Antropologia, Cultura Urbana, Documentário, Webdocumentário, Etnografia Virtual, Zona Leste.*

ABSTRACT

This study aims to analyze the webdocumentary under the anthropological perspective at the moment this presents ethnographic features in a virtual platform and, from experience with the webdoc "Lá do Leste: uma etnografia audiovisual compartilhada", consider the idea of subversion dominance and control presented by the Internet. We intend to further discuss the contribution of webdocumentary to strengthen cultural citizenship and public space in Cidade Tiradentes district for collaborative production, reveal and enhance the knowledge and cultural poetic vision of the neighborhood by local actors in order to expand their practices as urban, social and cultural movement.

Keywords: *Anthropology, Urban Culture, Documentary, Webdocumentary, Virtual Ethnography, East Zone*

¹ Jorge Guilherme Pereira de Lima, Pós-graduando em Mídia, Informação e Cultura - CELACC/ECA-USP - 2014, bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Anhembi Morumbi. Atua como videomaker e documentarista por paixão.

"A felicidade não está em fazer o que a gente quer e sim em querer o que a gente faz."

Jean-Paul Sartre

Agradecimentos

Este trabalho não seria possível sem a ajuda de diversas pessoas importantes. Agradeço primeira e especialmente ao Professor Renato Rovai pela orientação, as diretoras do Webdocumentário "Lá do Leste" Rose Hikiji e Carolina Caffé pelas entrevistas e todo material para construção deste trabalho.

Agradeço aos meus familiares por sempre acreditarem na minha capacidade e no meu esforço. Agradeço imensamente aos amigos João Roquer e Fernando Lelis pela força durante todo o período da pós-graduação. E a minha amiga Larissa Lopes por me aturar nos momentos de irritação.

Aos professores Dennis Oliveira, Silas Nogueira e Fabiana Amaral pelo apoio e por darem ouvidos as minhas ideias malucas e aos demais professores do Celacc pelas aulas e trocas de conhecimentos extra-aulas.

E agradeço aos meus amigos e colegas dos cursos Midicult e Gestcult 2013 pelas trocas de ideias em mesas de bares, em salas de aulas, no Facebook, no Whatsapp e por me aturarem e apoiarem nas horas alegres e difíceis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. O CINEMA DOCUMENTÁRIO	08
2.1 O documentário etnográfico	09
3. WEBDOCUMENTÁRIO COMO FERRAMENTA ETNOGRÁFICA	11
3.1 O que é Webdocumentário	11
3.2 Webdocumentário como narrativa etnográfica	13
4. WEBDOC "LÁ DO LESTE" UMA ETNOGRAFIA COMPARTILHADA	15
4.1 Webdoc como perspectiva virtual etnográfica	17
4.2 Contribuição do Webdoc para uma produção colaborativa	18
4.3 Webdoc como preservação dos espaços públicos e da cidadania cultural	19
4.4 Webdoc como forma de subverter a ideia de controle e dominação da internet	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DIGITAIS	24

1. INTRODUÇÃO

O avanço no mercado das tecnologias do audiovisual, aliados ao barateamento e acesso a novas técnicas de captação, edição e finalização em inúmeras plataformas, aumentou a produção e a qualidade videográfica. A disponibilidade de um conteúdo infinito de dados no espaço virtual, ainda democrático, através da rede mundial de computadores, modificou toda forma linear de comunicação. A lógica da rede ampliou o nosso senso crítico diante dos modelos herméticos que a sociedade e a mídia hegemônica tentam impor e nos tornou muito mais conectados.

Em torno deste contexto virtual surge o webdocumentário, que permite utilizar no mesmo espaço-tempo diversos tipos de linguagens aumentando as perspectivas de continuidade para além deste espaço virtual. Tanto na sua capacidade de contar uma mesma história com diversas possibilidades narrativas, quanto à utilização de inúmeros parâmetros de conteúdo de uma forma mais fragmentada e interativa. Neste sentido, o presente trabalho propõe analisar o webdocumentário sob a ótica antropológica a partir do momento em que este, mesmo numa plataforma virtual, apresenta características etnográficas.

A pesquisa usa como exemplo o Webdocumentário "Lá do Leste: uma etnografia audiovisual compartilhada", que tem como proposta tornar conhecidos e valorizados as práticas culturais e artísticas da região de Cidade Tiradentes e, a comunicação entre produtores locais e moradores. Levando em consideração a construção estrutural e os processos que fazem o internauta seguir por diversos caminhos quando busca uma informação ou conhecimento sobre determinado tema.

Por ser uma plataforma relativamente nova, que define o gênero documental ambientado na rede, a pesquisa procura compreender, como a arte e a cultura podem ser afetadas na contemporaneidade pelas relações que ocorrem através do espaço virtual da internet onde diversos níveis sociais se encontram de forma democrática. E dissertar sobre como uma narrativa de estrutura não linear pode oferecer fruição para quem procura ir além do simplesmente navegar pela web.

É forçoso pensar numa interatividade livre de uma homogeneização cultural de forma que o webdocumentário possa contribuir para uma reflexão etnográfica da realidade social contemporânea e romper com a noção de espacialidade para além dos espaços físicos. Em uma reflexão sobre a cultura da

mídia Kellner (2001, p. 82) afirma que ela "também fornece o material com que muitas pessoas constroem seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade de "nós" e "eles". Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral".

Diante de tal perspectiva o trabalho propõe revelar como o Webdocumentário "Lá do Leste", produto de uma pesquisa realizada na região do extremo leste da cidade de São Paulo, pode contribuir para defesa dos espaços públicos do distrito, valorizando a cidadania cultural local em benefício dos próprios moradores, demais pesquisadores e estudantes. E, a partir desta perspectiva de interação, contribuir para a produção colaborativa tanto no espaço virtual quanto fora dele.

2. O CINEMA DOCUMENTÁRIO

O cinema já nasce documentário quando em 1895, final do século XIX, os irmãos Lumière projetam as primeiras imagens em movimento com a saída dos trabalhadores de uma fábrica no filme "*La Sortie dès Usines Lumière*", com a refeição de crianças em "*Goúter de Bébé*" e a chegada de um trem numa estação em "*L'arrivée d'un Train à La Ciotat*" e neles se revelavam os costumes e valores da época. Em sua grande maioria, os filmes reproduziam o cotidiano do que acontecia nas ruas, eles eram apenas registros de atividades naturais do dia-a-dia. Já o filme de ficção só viria a surgir em 1903 com o ilusionista George Meliés.

Os aspectos apresentados naqueles primeiros filmes representavam uma determinada visão do mundo por sua semelhança com uma realidade familiar àqueles que estavam presentes na primeira sessão. De acordo com Bill Nichols (2005, p. 47) o documentário "representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos nos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares".

É desta forma que o documentário procura estabelecer por meio das suas imagens, e também por meio da sua narrativa, asserções e proposições singulares de parte da história do mundo em que vivemos. Ao contrário da ficção, o mundo nos é revelado a partir do ponto de vista da realidade capturada pela câmera, seja ela espontânea ou intencionalmente, fragmentada em determinados temas combinados entre si. Outra característica do documentário é a sua diferença com a reportagem, pois ele não atua como "mera realidade", mas permite uma transformação do real com um viés mais autoral, muitas vezes ausente em uma matéria jornalística.

Apesar desse tratamento criativo, certas convenções se fazem necessárias para que aquilo que é representado na tela nos traga mais autenticidade, como: a não direção de atores, personagens naturais que agiriam da mesma forma se a câmera não estivesse lá, cenários naturais de ambientes que nos rodeiam, gravação em som direto, entrevista, imagens de arquivo, etc.

Esses filmes representam de forma tangível, aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social de acordo com a seleção e organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é, e o que poderá vir a ser. (NICHOLS, 2005: pag. 26).

O surgimento do cinema no Brasil se dá no ano seguinte àquela apresentação dos irmãos Lumière. A primeira projeção pública ocorreu no dia 8 de julho de 1896 através de um "*omniógrafo*". O predomínio do registro documental nos seus primeiros 20 anos era total. Já nos anos de 1960 com a chegada de câmeras mais leves e portáteis e a facilidade da gravação de som direto os realizadores conseguiram se aproximar ainda mais do cotidiano real das pessoas.

No geral, a produção do documentário no País desde os seus primórdios até os dias atuais tem seu direcionamento voltado muito mais para as questões sociais. Como aponta Fernão Ramos (2008, pag. 205) "a imagem do povo é um traço recorrente no documentário contemporâneo brasileiro"; para ele, existe um movimento a caminho da alteridade, que busca revelar a figura "criminalizada" do outro, mas esclarece que isso nem sempre é uma visão negativa do outro de classe.

2.1 O documentário etnográfico

Etnografia pode ser definida como um método utilizado pelos antropólogos para descrever de forma participativa determinada cultura, ou seja, vivenciando os hábitos, os conhecimentos, as crenças, estabelecer relações com estas culturas e levantar suas genealogias, mapear campos, manter um diário, e, assim por diante. Clifford Geertz (2008, p. 19) assinala que "em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana".

No campo do documentário etnográfico os primeiros filmes no final do século XIX, como registrado nos filmes dos Irmãos Lumière, se percebe essa busca, esse registro dos aspectos culturais da sociedade. Para a antropóloga e pesquisadora Rose Hikiji (2012 p. 31) "o cinema e a antropologia nascem quase simultaneamente. As imagens projetadas na grande tela fascinam os antropólogos e estes decidem fazer da película etnografia". O cinema documentário passa então, "à luz da antropologia", a representar um recorte da realidade.

Em 1898 são realizados os primeiros filmes etnográficos. Em 1901 a Companhia de Edison filma as distrações e cerimônias de algumas tribos e no mesmo ano W. B. Spencer filma as cerimônias dos aborígenes australianos. O documentário assume desta forma uma função social, um produto de um fato social, bem como, objeto de estudo com o compromisso de representação criativa das experiências reais.

Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 2008: p. 7).

No entanto, o avanço tecnológico permitiu aos filmes uma aproximação maior com a representação do real ao apresentarem narrativas que dificultam distinguir entre um documentário etnográfico e um documentário pura e simplesmente. Existe cada vez mais por parte da mídia o interesse em tornar a cultura algo comum a todos no mundo, Douglas Kellner (2001, p. 11) comenta que "a cultura da mídia participa igualmente desses processos, mas que também é algo novo na aventura humana".

Contudo, ao compreender a antropologia social compreende-se a etnografia, o documentário etnográfico, embora carregado de uma estética própria, está alheio às normas de determinadas técnicas narrativas principalmente do que é chamado comumente de "off", seus personagens são construídos a partir de suas próprias vivências. Seu foco principal está no registro natural de determinados grupos sociais em seu sentido mais amplo que inclui, entre tantas outras coisas, "suas crenças, arte, moral, lei, costume e todas as capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade". (Thompson, 2009, p. 171).

O documentário etnográfico surge no Brasil a partir das facilidades tecnológicas dos anos de 1960 quando equipamentos mais leves aproximam o cinema documentário do chamado "cinema verdade", utilizando depoimentos, entrevistas e planos sequência. O crítico Paulo Emílio cunhou estes filmes de: "filme conversa". Dentro dessa abordagem poderia ser considerado um "filme conversa, *"Integração Racial"*, 1963, de Paulo Saraceni, ou pela produção de Thomas Farkas em *"O Desafio"*, 1965, no qual o documento é um depoimento". (Fernão Ramos, 2008, p. 279). Na década de 1970, Eduardo Coutinho surge com um "cinema verdade" mais participativo.

Como se percebe, as novas tecnologias sempre beneficiaram a produção do documentário no País, principalmente de filmes independentes. Com novas técnicas, novas linguagens, narrativas e estratégias para documentar a representação do real. A capacidade do documentário de se organizar e requisitar a participação também do espectador quando questionados ou provocados ultrapassou os limites das projeções e limitações das salas de cinema. Ele extrapolou o tempo/espaço através da Internet para alcançar maior interatividade proporcionada pela Web 2.0.

3. WEBDOCUMENTÁRIO COMO FERRAMENTA ETNOGRÁFICA

Com o avanço da tecnologia digital e com a chegada da Web 2.0, a rede ampliou o alcance desta produção através de um ambiente interativo de informação, pedagogia e cultura. A transmissão de conteúdos online extrapolou o espaço físico restrito às mídias verticais offline e se adaptou às novas formas de narrativa. A rede nos permitiu atuar, em certa escala, sem a necessidade de instituições externas, mas como "instituições individuais" e, nesse sentido, muito mais livres e com mais opções. (Ugarte, 2008, p. 29).

Como a internet é uma mídia em constante ascensão ela pode evidenciar o seu papel relevante contribuindo para uma sociedade de saber partilhado e possibilitar a produção democrática cultural extremamente variada. Pode também disponibilizar uma vasta gama de conhecimentos e, assim, contribuir para o avanço da sociedade. Cabe, portanto, compreender como essa prática se constitui na atual modernidade. Para isso, vamos entender o que é webdocumentário e como ele se apresenta etnograficamente enquanto possibilidade de reapropriação e reorientação da mídia, pelo menos na teoria, enquanto "intelectual coletivo".

3.1 O que é Webdocumentário

O Webdocumentário como resultado da evolução das linhas informacionais é uma produção audiovisual criado para ser hospedado e veiculado na internet. O termo foi empregado pela primeira vez no séc. XX no festival de cinema francês "Cinéma Du Réel Festival" para referir-se ao formato documental concebido para a plataforma web. Este evento torna a França a precursora no assunto e contou com apoio de diversos canais televisivos e produtoras para divulgar seu produto. Destacam-se ainda as produções realizadas no Canadá, Inglaterra, Estados Unidos, Espanha e Colômbia.

Pela escassez de uma divulgação adequada para as produções realizadas no Brasil, são poucos os que tem conhecimento do que trata o webdocumentário no País. Mas merece relevância os seguintes webdocumentários:

"Rio de Janeiro - Autoretrato" mostra o trabalho de um grupo de fotógrafos na Favela da Maré, no Rio de Janeiro; "Pelo Menos Um" narra a história de 25 jovens do Centro de Educação Popular Comunidade Vida, em Caruaru, no agreste de Pernambuco e; "Webdoc Graffiti" que trata da interação do grafiteiro com

a rua; "Um Novo Olhar - Abuso Sexual Infantil e Pedofilia", veiculado no final de 2013, aborda um dos temas mais difíceis da atualidade; "Quem matou o Tapajós?" que nos alerta sobre o último grande rio da Amazônia brasileira; "Vai ter praça" que fala da relação das pessoas com as praças de Fortaleza. Além desses, o "Webdocumentário Lá do Leste" que iremos analisar neste trabalho.

O Webdocumentário caracteriza-se por modificar a forma organizacional da narrativa linear em um ambiente virtual contemporâneo que extrapola o espaço físico restrito às mídias verticais offline do cinema e da televisão. Ele transpõe o espaço-tempo nos mais variados níveis, tanto pela sua interatividade, quanto ao utilizar-se de ferramentas hipertextual de navegação que podem combinar fotografia, textos, áudios, animações, links, mapas, infográficos e outras tantas linguagens digitais que nos permitem percorrer de forma autônoma pela obra. É bom acentuar que cada webdocumentário tem sua identidade própria e tais peculiaridades não estão em todos eles, muito embora, estas sejam as mais recorrentes.

O espectador já não é mais um espectador passivo, ele pode ir e voltar diversas vezes e escolher sobre o que assistir e onde assistir. Essa experimentação responde a novas situações de ruptura com o produto audiovisual tradicional. O internauta assume então um papel participativo e, seja na propagação ou na construção do produto, traça seus próprios caminhos. Essa não linearidade participativa talvez seja para David de Ugarte (2008, p. 45) a lírica das redes, o "canto de prazer, da felicidade provocada pela mudança".

Por ser um filme documental planejado para a internet a produção do webdocumentário não pode perder de vista a questão da usabilidade e levar em conta o papel participativo e o nível de aprofundamento que pode ir o internauta em diversos níveis de imersão. Como um artefato cultural ele sugere diferentes abordagens, com seus problemas e vantagens. A professora Rose Hikiji² comenta que deve existir também uma "preocupação com o design e em como construir um caminho de identidade visual para falar de um assunto".

Sendo a Internet um espaço onde diversos níveis sociais se encontram de forma democrática é forçoso pensar numa interatividade livre de uma homogeneização cultural. De forma que o webdocumentário como gênero recente que

² Em entrevista concedida ao autor em 02/07/2014.

foge da estrutura clássica e quebra a narrativa tradicional, contribui para diversas possibilidades etnográficas, para uma reflexão da realidade social contemporânea que rompe com a noção de espacialidade das comunidades concentrando-se em processos culturais para além dos espaços físicos.

3.2 Webdocumentário como narrativa etnográfica

Embora o gênero webdocumentário no Brasil venha ganhando espaço na rede, a maioria deles continua a basear-se no recorte das questões sociais traçando o mesmo caminho que busca revelar a figura "criminalizada". Ainda que numa narrativa atemporal, as histórias tem um traço recorrente da imagem do povo, que na prática, são contatadas de maneira muito semelhante ao documentário tradicional.

Por outro lado, não podemos deixar de observar que "proporcionam maior diversidade de escolha, maior possibilidade de autonomia cultural e maiores aberturas para intervenções de outras culturas e ideias". (Kellner. 2001, p. 26). Pois, ao criar uma ruptura com o dogma linear do documentário, o webdocumentário utiliza-se dos meios digitais para criar uma narrativa não linear, construir novos sujeitos e espaços sociais e, descrever a realidade. Consolidando assim, novas ferramentas de experiência culturais para o espectador além da possibilidade de ouvir as diferentes vozes que compõem a mesma história. É o que diz a professora Rose Hikiji³ quando comenta que "há vários tipos de interações possíveis na pesquisa antropológica".

Levando em consideração que no webdocumentário o internauta assume um papel participativo e de interação, é forçoso pensar na possibilidade de quebra deste paradigma tradicional e evoluir para possibilidades imensas. Estes desdobramentos valorizam a fruição do internauta que ao se conectar a outros sujeitos com identidades culturais universais pode compartilhar saberes, ampliar o repertório cultural e contribuir para uma reflexão etnográfica da realidade social contemporânea "menos teórica, de reapropriação e reorientação da mídia enquanto intelectual coletivo" (Sodré, 2009, p. 212).

³ Em entrevista concedida ao autor em 02/07/2014.

Para a pesquisadora e documentarista Carolina Caffé⁴:

"É um privilégio e de uma potência de correlações maravilhosa poder cruzar os textos, ver as cores e o movimento daquilo que antes só se escrevia; é um prato cheio para a etnografia. Além de ser muito interessante para os atores locais usarem essas plataformas para fortalecerem a produção e o consumo da cultura local". (CAROLINA CAFFÉ. 2014).

Naturalmente, o webdocumentário através de diversas narrativas, enquanto ambiente virtual contemporâneo, expressa uma capacidade para se mover por entre diferentes espaços sociais e explorar essa mobilidade com interação entre as dimensões online e offline. Dentro deste contexto, Christine Hine⁵ (2004, p. 78) afirma que "todas as formas de interação são etnograficamente válidas e não apenas pelas interações que envolvem uma relação cara a cara".

Com todas estas características pode-se conferir ao webdocumentário a possibilidade de uma etnografia digital com capacidade de fruição que podem evoluir também para fora do ambiente virtual. É interessante, neste sentido, o ponto de vista de Geertz no que tange as diversas maneiras de se interpretar as culturas:

"Não há qualquer razão para que seja menos formidável a estrutura conceitual de uma interpretação cultural e, assim, menos suscetível a cânones explícitos de aprovação do que, digamos, uma observação biológica ou um experimento físico - nenhuma razão, exceto que os termos nos quais tais formulações podem ser apresentadas são, se não totalmente inexistentes, muito próximos disso. Estamos reduzidos a insinuar teorias porque falta-nos o poder de expressá-las." (GEERTZ, 2008: p. 17).

Não se pode esquecer, no entanto, que pela ótica do digital o webdocumentário assume também características pedagógicas de transmissão do conhecimento e troca de informações entre indivíduos de diversas localidades e gerações. Ao se apresentar como uma teia de elementos informacionais no ambiente em rede ele proporciona recursos que pode transformar a realidade cultural. Sua conexão instantânea transpõe a noção do espaço-tempo e assume uma responsabilidade na reflexão contemporânea da sociedade criando novos sujeitos com identidades culturais universais.

⁴ Em entrevista concedida ao autor em 04/07/2014.

⁵ "Todas las formas de interacción son etnográficamente válidas, no sólo las que implican una relación cara a cara." (Hine, 2004, p. 78).

4. WEBDOC "LÁ DO LESTE" UMA ETNOGRAFIA COMPARTILHADA

O Webdocumentário "Lá do Leste: uma etnografia virtual compartilhada" é resultado de um processo que começou em 2009 com o mapeamento de várias manifestações artísticas e culturais do distrito de Cidade Tiradentes, o maior complexo de conjuntos habitacionais populares da América Latina. O projeto foi concretizado pela ONG Instituto Pólis, coordenado por Hamilton Faria junto com as antropólogas Rose Hikiji e Carolina Caffé. Com o fim do projeto, as duas antropólogas resolveram juntar todo material de pesquisa que tinham em mãos e agrupar numa única plataforma virtual.

Mesmo longe de abarcar todo o universo do movimento cultural que fomenta o distrito, o Webdocumentário "Lá do Leste" se consolida como representatividade etnográfica virtual dos movimentos de arte e cultura ao abordar diferentes temas, artistas, coletivos e iniciativas que consolidam os movimentos socioculturais da região. Através do webdoc podemos entender como esta ferramenta pode ampliar o alcance do documentário etnográfico na contemporaneidade ao se apresentar no espaço virtual a partir da interação entre as dimensões online e offline.

O suporte digital do webdoc apresenta diversos modelos de documentar o real modificando a forma organizacional da narrativa ao utilizar mecanismos hipertextuais que nos permite navegar de forma independente por toda obra. Na página principal do Webdocumentário "Lá do Leste" existem 14 ícones dos quais 13 deles, chamados de "cenas", semelhantes a uma cena de roteiro cinematográfico, apresentam uma pequena descrição e falas dos personagens dos dois documentários. No lado esquerdo de cada uma dessas páginas uma referência imagética em vídeo, videoclipe, fotos, etc. No último ícone está o link do Mapa das Artes da Cidade Tiradentes descrito mais à frente.

Ainda na página principal se encontram os "botões" de acesso que nos levam pelas outras páginas do webdocumentário, a saber:

- **Sobre**

A página trata dos bastidores de como foi realizada a produção e pesquisa que resultou no Webdocumentário "Lá do Leste".

- **Filmes "Lá do Leste" e "A Arte e a Rua"**

Nestes dois "botões" as páginas são semelhantes entre si e nelas estão a sinopse dos filmes. No link à esquerda o vídeo online hospedado no Canal Vimeo onde se pode assistir sem precisar sair da página. Os filmes seguem a vida e as transformações da arte de rua com a urbanização do distrito. São reflexões das condições sociais das famílias, cenas da vida cotidiana compartilhada pela experiência daqueles que cresceram e continuam a viver no bairro.

Utilizando-se da técnica do cinema de observação e participativo, a narrativa explora a metodologia experimental da "câmera bastão" onde alguns "atores sociais" registram elementos do seu cotidiano sem a presença de uma equipe de gravação, entre eles Daniel Hylário, "o pensador" da Cidade Tiradentes e fio condutor dessa história. Segundo Carolina Caffé⁶, num conceito de etnografia compartilhada, a ideia era de que "eles criassem seus próprios vídeos sobre eles mesmos, de passar o "bastão", passar a câmera e o poder de autodefinição sobre a sua cultura no sentido de democratização da produção do conhecimento. Essa autointeração, esse intercâmbio, resultou na verdade a parte mais rica do processo".

- **Livro**

Nesta página você tem a versão do conteúdo físico do Livro/DVD "Lá do Leste" que pode ser lido online, além de poder baixar o material em PDF.

- **Extras**

Nesta página você pode assistir a outros vídeos ligados ao webdocumentário como um "stop motion", um videoclipe, dois debates de lançamento dos filmes e ler artigos sobre o trabalho. Os debates foram realizados no espaço Matilha Cultural e no Instituto Pombas, ambos com a presença de representantes do terceiro setor, acadêmico, produtores culturais, artistas locais e protagonistas do filme, a fim de garantir assim, a pluralidade de olhares sobre a obra.

⁶ Em entrevista concedida ao autor em 04/07/2014.

- **Mapa das Artes da Cidade Tiradentes**

Localizado em uma página a parte o "Mapa das Artes de Cidades Tiradentes" - www.cidadetiradentes.org.br/# - é um mapa virtual interativo da comunidade artístico-cultural do bairro. Organizado sobre um mapa físico e geográfico a página principal tem botões e links próprios, dividido em: Linguagem, Espaços, Agenda, Fórum e, destacado em amarelo um: Como Participar. Mais abaixo estão os botões/Links: Buscar, Sobre este Projeto e Artes Enviadas.

No Mapa, é possível localizar pessoas, grupos, espaços e eventos relacionados às linguagens da música, dança, audiovisual, artes plásticas, literatura e teatro. Outras questões relacionadas à vida cotidiana das pessoas do bairro são apresentadas numa série de temas como jovem, negro, mulher, trabalho, etc. O mapa apresenta as informações da comunidade por meio de vídeos, fotos, músicas e textos.

O Mapa das Artes é o resultado do projeto Cartovideografia Sociocultural da Cidade Tiradentes realizado pela área de desenvolvimento cultural do Instituto Polis com apoio do Centro Cultural da Espanha em São Paulo. Seu objetivo é contribuir para o fortalecimento da cidadania cultural dos moradores da Cidade Tiradentes e, revelar e potencializar os saberes, fazeres e poéticas culturais do bairro pela ampliação da visão dos próprios agentes locais, além de favorecer a dinâmica e interlocução entre diferentes grupos para criação de espaços comuns e potencialização de redes.

4.1 Webdoc como perspectiva virtual etnográfica

O Webdoc "Lá do Leste" enquanto ferramenta virtual etnográfica aborda diferentes temas, artistas, coletivos, regiões, bairros e iniciativas que consolidam o movimento artístico sociocultural da Cidade Tiradentes. A mobilidade de navegação permite ao internauta um engajamento mais aberto e criativo onde ele pode inferir a experiência vivida dentro da plataforma digital. Isso proporciona um caminho que ele mesmo escolhe e elege.

A etnografia, neste sentido, pode ser usada para atingir diversos significados dentro daquilo que compõem as culturas mais distantes. O formato se consolida como uma representatividade etnográfica ao explorar a linguagem do documentário adaptado para a web. Através das construções de espaço-tempo ele torna possível vivenciar novos elementos, novos enredos com

diferentes experiências subjetivas. Acerca dessa abordagem cabe, portanto, a reflexão de Hine⁷:

"La aproximación etnográfica, en este sentido, abre el camino para estudiar la configuración de un contexto cultural significativo para los participantes manteniendo la pretensión de ver lo que ellos ven a través de sus ojos, constituyendo un enfoque enraizado que busca una comprensión profunda acerca del sustrato cultural del grupo como tal." (HINE, 2004: p. 34).

A tecnologia virtual pode, assim, ser usada para atingir espaços significativos que compõem a cultura de determinada sociedade tornando possível diversos níveis de interações na pesquisa antropológica. No caso do "Lá do Leste", além de reproduzir as condições da vida social no distrito e a reprodução dos valores socialmente compartilhados por todos daquela região, houve uma mobilização e intercâmbio de vários artistas locais na intenção de valorizar as produções e os espaços culturais do próprio bairro e, a criação de espaços comuns potencializados pela rede.

Muniz Sodré (2009, p. 17) evidencia que as formas tradicionais de representação da realidade e novíssimas (o virtual, espaço simulativo ou telereal da hipermídia) interagem, expandindo a dimensão tecnocultural, onde se constituem e se movimentam novos sujeitos sociais. Neste caso, as apropriações etnográficas podem ocorrer de diversas maneiras, isso vai depender do nível de interesse que o material desperta no internauta. Entretanto, esse engajamento virtual vai depender também do pesquisador interessando em ter uma relação mais ativa com o objeto à sua frente.

4.2 Contribuição do Webdoc para uma produção colaborativa

Mesmo longe de abarcar todo o universo de um movimento cultural e impulsionado pelas constantes transformações de uma tecnologia em construção, a tendência é que se ampliem cada vez mais as possibilidades de informação. O internauta deixa de ser apenas um observador e passa também a contribuir para o enriquecimento das relações culturais locais através da Internet. Quebram-se os paradigmas da estabilidade e insinuam-se novas regras para o "jogo humano".

Surgem a todo o momento novas formas de reunir, apresentar e divulgar conteúdos artísticos culturais. A Internet impulsiona uma comunicação mais

⁷ Livre tradução: "A abordagem etnográfica, a este respeito, abre o caminho para estudar a configuração de um contexto cultural significativo para que os participantes mantenham a pretensão de ver o que eles veem através de seus olhos, proporcionando uma abordagem fundamentada que busca um substrato profundo da compreensão de determinado grupo cultural como tal". (Hine, 2004: p. 78).

distribuída e potencializa trocas infinitas de conhecimentos. No caso do "Mapa das Artes" Rose Hikiji⁸ explica que a ferramenta foi criada para que os artistas locais pudessem através de uma rede de artistas "fortalecer o conhecimento deles sobre si próprios, promover interações e espaços de economia solidária entre eles".

Hine⁹ (2004, p. 20) destaca que "tais desenvolvimentos permitem pensar a etnografia como uma forma de conhecer através da experiência sem tentar produzir um estudo que abrange a totalidade de uma dada cultura". A plataforma virtual pode envolver o internauta a desafiar novos espaços de interação política e novas formas de pensar os modos de cultura de maneira mais democrática, na qual, todos podem trocar experiências entre si desempenhando um papel mais construtivo de valores sociais.

Mesmo sendo um produto inacabado, ou não, o webdoc pode facilitar as relações culturais, antes limitada e restrita, e fortalecer a ideia de sujeitos sociais em sujeitos históricos donos de sua própria memória sociocultural, como bem reflete Marilena Chauí:

Uma definição dos sujeitos sociais como sujeitos históricos, articulando o trabalho cultura e o trabalho da memória social, particularmente como combate à memória social una, indivisa, linear e contínua, e como afirmação das contradições, das lutas e dos conflitos que constituem a história de uma sociedade (CHAUÍ, 2006: p. 72).

Carolina Caffé¹⁰ destaca "que vivemos num momento histórico extremamente rico em relação às potências de transformação e comunicação da internet usando o audiovisual como principal fomento". O que deixa claro também, que a reprodução imagética do webdocumentário torna a experiência etnográfica mais próxima e amplia a dinâmica das trocas culturais.

4.3 Webdoc como preservação dos espaços públicos e da cidadania cultural

Através da hipertextualidade o próprio espectador cria a sua trajetória por meio de links que podem levá-los a outros conteúdos textuais, de imagens e sons que permitem um aprofundamento no assunto. No caso do webdocumentário

⁸ Em entrevista concedida ao autor em 02/07/2014.

⁹ Tales desarrollos permiten pensar en la etnografía como modo de conocer a través de la experiencia sin pretender producir un estudio que abarque la totalidad de una cultura determinada. (Hine 2004, p. 20).

¹⁰ Em entrevista concedida ao autor em 04/07/2014.

"Lá do Leste" é possível, por exemplo, perceber o vínculo que os artistas mais politizados tem com o movimento Hip Hop. A organização das práticas culturais e da sociabilidade dos espaços públicos e as transformações históricas do distrito são resultado direto dessa relação com o movimento e em especial a arte de rua.

A vida social tornou-se uma questão de "manifestações verbais, símbolos, textos e artefatos de vários tipos e de sujeitos que se expressam através destes artefatos para entender a si mesmo e aos outros" (Thompson. 2000). Desta forma, encontros que partilham entre si suas experiências e crenças, ainda que parte destes indivíduos possuam recursos de poder e autoridade, possibilita a criação de novos posicionamentos e trajetórias.

O documentário "A Arte e Rua", por exemplo, desperta para várias coisas relacionadas ao espaço e discute também a questão da ocupação da cidade e do que ela pretende ser daqui a 10 anos. Levanta ainda questões do fortalecimento da cultura local e mostra que, enquanto o estado procura inserir algo de fora, ao mesmo tempo não percebe as manifestações culturais da própria comunidade. Uma comunidade que pode inferir e "acolher particularismos culturais e, eventualmente, fundamentalismos religiosos, patriotismos, etc.". (Sodré, 2009, p. 192).

O filme resignifica os limites da cultura, dos muros, os limites invisíveis que o estado impõe às periferias. O discurso é o da resistência, que com simplicidade vai reconstruindo a arte, a cultura e potencializando novos atores para um projeto mais inclusivo e político, onde os espaços de cultura possam ser mantidos e entendidos sem a mediação de instituições governamentais.

4.4 Webdoc como forma de subverter a ideia de controle e dominação da Internet

Torna-se inegável que o webdocumentário tenha ultrapassado as questões da mobilidade de comunicação como fomento das expressões culturais tanto da atualidade e, porque não dizer, também do passado. A convergência de meios tende a solidificar-se e evoluir cada vez mais junto com as novas tecnologias digitais.

A facilidade de navegação permite assim, um engajamento mais aberto e criativo com o universo político e sociocultural de uma comunidade onde atores sociais podem inferir a experiência vivida dentro da plataforma digital. O espaço contemporâneo criado pelo webdocumentário fornece uma infinidade de contextos socioculturais que facilitam a aceitação e participação dos indivíduos no cenário

social de uma comunidade. Torna possível a criação e recriação de novos valores culturais, ou excluídos, ou esquecidos e nos dá a oportunidade de fazermos nossa própria leitura da sociedade.

Neste sentido, a Internet surge como um espaço onde diversos níveis sociais se encontram de forma democrática numa interatividade livre de uma homogeneização cultural. Os conteúdos socioculturais adaptados às novas formas de narrativa em rede permite atuar em certa escala, sem a necessidade de instituições externas, mas como "instituições individuais" e, muito mais livres. Marilena Chauí nos lembra da importância de se contrapor a história oficial das organizações dominantes na seguinte reflexão:

Se contrapor à história oficial celebrativa dos dominantes, graças à história que os trabalhadores criam a partir de sua própria memória, da crônica de seus valores, lutas, esperanças e tradições, inventando outro calendário e instigando seus próprios símbolos e espaços. (CHAUÍ, 2006: p. 9).

Rose Hikiji¹¹ destaca que com a Internet as diferentes dimensões de comunicação, principalmente na produção audiovisual são totalmente possíveis. Ela comenta que "com a democratização das formas de produção de imagens e sons, existe uma mudança completa de paradigma. Hoje se consegue produzir narrativas caseiras, de forma bem experimental e difundir isso de uma forma inédita". Um vídeo pode ser visto por milhões de pessoas sem precisar passar pelos canais tradicionais de cinema e televisão.

Fica evidente que o webdocumentário pode também levar ao mundo as reivindicações e expressões artísticas socioculturais e políticas de distritos como Cidade Tiradentes para além do espaço físico. Pode oferecer algo novo na aventura humana, sem se conformar com os dogmas vigentes na sociedade impostos por uma mídia vertical e hegemônica subvertendo a ideia de dominação e controle que a ferramenta Internet costuma apresentar.

¹¹ Em entrevista concedida ao autor em 02/07/2014.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os códigos, os modelos, as técnicas de produção evoluíram vertiginosamente e nos desafiam a cultivar novos espaços interação política e oferecem novas formas de pensar os modos de cultura de maneiras mais democráticas. Kellner (2001, p. 203) destaca que, "quando os membros dos grupos oprimidos tem acesso à cultura da mídia, suas perspectivas muitas vezes articulam visões outras da sociedade e dão voz a percepções mais radicais".

Estes novos espaços em plataformas virtuais revelam que a cultura não é algo estático, mas algo em constante construção e ressignificação e não uma verdade mística e oculta. Isso implica na concepção de Sodré (2005, p. 41), numa "busca de relacionamento com o real, lugar de extermínio do princípio de identidade", ou seja, a própria cultura implica construir e destruir sentidos. Partindo deste ponto de vista, podemos entender que através do webdocumentário é possível extrapolar as formas narrativas do conteúdo off-line e abraçar todos os estilos de documentário envolvendo o espectador, ou não, na construção do produto, seja ele final ou inacabado.

O Webdocumentário "Lá do Leste" é participe dessa mudança de paradigmas e revela como a web é um terreno imenso para a experimentação. Através dele é possível conhecer os vastos espaços urbanos onde a arte e a cultura se encontram de forma menos hegemônica e restrita para uma determinada população e oferece ao o indivíduo uma visão da realidade na qual ele se encontra dentro do espaço urbano. Rose Hikiji¹² conta que a ideia do Webdoc "Lá do Leste" era potencializar a circulação, "divulgar o que foi produzido numa esfera mais qualitativa onde qualquer pessoa poderia acessar o material, assistir e baixar o livro".

O que se percebe no Webdocumentário "Lá do leste" é que existe uma outra lógica vigente na literatura, nas artes visuais, na dança, no rap, um movimento artístico forte saindo das periferias e chegando aos grandes centros que não passam despercebidos. Por esta razão é importante que produções como esta permitam novas identidades, novas visões de mundo que possam romper com velhos paradigmas e possibilitem explorar objetos etnográficos para além do espaço

¹² Em entrevista concedida ao autor em 02/07/2014.

geográfico. De acordo com Hine (2004, p. 54) "Interpretar a rede como um lugar de cultura, implica em conceder e enfatizar seu status como uma conquista cultural com base em interpretações individuais da tecnologia".

Para Carolina Caffé¹³ o webdocumentário tem um grande desafio pela frente ao romper com a forma tradicional de contar uma história, de acessar as realidades, "não é fácil desconstruir e criar novas lógicas narrativas". Ela acredita que o projeto ideal é aquele que esteja sempre conectado com o mundo lá fora, com uma produção "outside" que possa extrapolar o espaço virtual, se tornar mais dinâmico e ganhar mais sentido.

Ainda que experimental, não se pode negar a capacidade do webdocumentário como possibilidade etnográfica virtual de fruição no que diz respeito à educação e cultura. Um espaço que contribui para o fortalecimento das culturas locais e, oferece ao sujeito condições para que ele seja protagonista da sua própria identidade cultural. É dentro deste contexto que podemos afirmar que o Webdocumentário "Lá do Leste: uma etnografia audiovisual compartilhada" se apropriou de maneira muito bem articulada desta plataforma virtual e revelou uma etnografia bem singular do distrito Cidade Tiradentes.

¹³ Em entrevista concedida ao autor em 04/07/2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DIGITAIS

AMORIN, Amorin, **Webdocumentário**. Disponível em: <<http://pedroamorim.blogs.ua.sapo.pt/811.html>>. Acesso em 02/11/2013.

ANDERSON, Chris. **Cauda Longa: do mercado de massa para o mercado de nicho**. Tradução Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro, Campus Elsevier, 2006.

CHAUI, Marilena. **Cidadania Cultural - O Direito à Cultura**. 1º Ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2006.

CINEACADEMIA, Blogspot. **Webdocumentário?** Disponível em: <<http://cineacademia.blogspot.com.br/2013/04/webdocumentario.html>>. Acesso em 02/11/2013.

COMUNICARE, Portal. **Webdocumentários e as novas possibilidades narrativas documental**. Disponível em: <<http://www.portalcomunicare.com.br/os-webdocumentarios-e-as-novas-possibilidades-da-narrativa-documental>>. Acesso em 02/11/2013.

CROSS, Content. Disponível em: < <http://www.crosscontent.com.br/>>. Acesso em 02/11/2013.

DOC ON-LINE, **Revista. Doc On-line**. Disponível em: <Doc On-line, n. 14, agosto de 2013, www.doc.ubi.pt, pp. 3 - 6>. Acesso em 02/11/2013.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. 1º Edição - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GRAFFITI, Webdoc. **Webdocumentário: Webdoc Graffiti**. Disponível em: <<http://www.webdocgraffiti.com.br/>>. Acesso em 02/11/2013.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 3ª Edição. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro. 1982.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. **Imagem e violência: etnografia de um cinema provocador**. São Paulo: Editor Terceiro Nome. 2012.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual**. 1ª Edição. Editorial UOC, Arago, Barcelona 2004.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LEVIN. Tatiana . **Do documentário ao Webdoc: questões em jogo num cenário interativo**. Disponível em <<https://www.academia.edu/4972660/>>. Acesso em 02/11/2013.

NE10, Site. Especiais NE10: **Webdocumentário: Pelo menos um**. Disponível em: <<http://especiais.ne10.uol.com.br/pelomenosum/>>. Acesso em 02/11/2013.

NOVO OLHAR, Webdocumentário. **Webdocumentário: Novo Olhar**. Disponível em: <<http://www.webdocnovoolhar.com.br/>>. Acesso em 03/01/2014.

PENAFRIA. India Mara Martins; Manuela. **Estética do Digital: cinema e tecnologia**. LabCom. 2007.

_____. Manuela. **O filme documentário no suporte digital**. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/madail-penafria-digital.pdf>>. Acesso em 02/11/2013.

_____. Manuela. **O ponde de vista no filme documentário**. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>>. Acesso em 02/11/2013.

_____. Manuela. **Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo**. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-perspectivas-documentarismo.pdf>>. Acesso em 02/11/2013.

QUEM MATOU O TAPAJÓS. Webdocumentário. **Webdocumentário: Quem matou o Tapajós?** Disponível em <<http://mortedotapajos.tv/>>. Acesso em 03/08/2014.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?**. São Paulo. Editora Senac: São Paulo, 2008.

RIO DE JANEIRO AUTORETRATO. **Webdocumentário: Rio de Janeiro: autorretrato**. Disponível em: <<http://www.riodejaneiroautorretrato.com.br>>. Acesso em 02/11/2013.

SILVA. Marco Aurélio da . **Eduardo Coutinho e o cinema etnográfico para além da antropologia**. Disponível em <<https://www.academia.edu/1065392>>. Acesso em 02/11/2013.

SODRÉ, Muniz. **Antropologia do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 4ª Ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **Verdade Seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna - Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 8ª Ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

TOMBA, Maíra Gregolin; Marcelo Sacrini; Rodrigo Augusto. **Web-documentário – Uma ferramenta pedagógica para o mundo contemporâneo**. bocc: Biblioteca Online de Ciência da Comunicação. 2003.

UGARTE, David de. **O Poder das Redes: manual ilustrado para pessoas, organização e empresas chamadas a praticar o ciberativismo**. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2008. 116 p.

VAI TER PRAÇA. Webdocumentário. **Webdocumentário Vai ter praça**. Disponível em <<http://www2.virtual.ufc.br/vaiterpraca/index.html>>. Acesso em 03/08/2014.

WEBDOCUMENTÁRIO. Disponível em: <<http://www.webdocumentario.com.br/>>. Acesso em 02/11/2013.